

Tempo Presente

tempopresente@grupoatarde.com.br

Valença quer volta da coleta de sangue

A direção da Santa Casa de Misericórdia, de Valença, no baixo sul, defende a reabertura da unidade de coleta da Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia (Hemoba), levando em conta o risco de faltar sangue para atendimentos emergenciais de pacientes das cidades da região.

Na argumentação enviada em ofício, o diretor-geral da instituição, Marcos Antônio Silva, analisa o contexto de um ponto de vista de saúde pública, evitando, assim, a redução do problema a um desafio operacional.

O estresse contínuo por repor estoques de sangue já é difícil em Salvador, levando em conta os apelos contínuos por doação, para os valencianos e munícipes vizinhos torna-se uma missão árdua a cada raiair de um novo dia.

O abastecimento se mantém modo gangorra, dias sim, dias não, pois as dificuldades de transporte, custos e logística têm reduzido as oportunidades de viagem para quem quer manter o hábito solidário da doação de sangue.

Outro fator preocupante é a baixa adesão dos doadores e familiares de pacientes ao deslocamento até Santo Antônio de Jesus para realizar doações: a volta da coleta em Valência é a única solução viável, segundo a Santa Casa.

– A instituição se coloca, inclusive, à disposição para colaborar na viabilização de parte da equipe necessária ao funcionamento da unidade, reforçando nosso compromisso com a saúde pública e com a construção de soluções conjuntas – diz o diretor geral, Marcos Antônio Silva.

A tensão pode diminuir, se a Hemoba enviar um Hemóvel (veículo equipado para coleta), ao menos uma vez no mês, além do fornecimento de componentes necessários para o trabalho.

“Nós temos 1% da população com uma grande parcela da riqueza (...) Mas quando fala sobre renda, há uma reação grande de muita gente poderosa, dizendo que isso vai destruir a economia”

LUIZ MARINHO, ministro do Trabalho, sobre reações dos mais ricos a políticas de cunho social

FOTO DO DIA



José Simões / Ag. A TARDE

GENTE SONHA | Quando muita gente sonha ao mesmo tempo, o mundo desaprende o medo. Celebrar juntos é um gesto de teimosia luminosa: a alegria vira ato político, antídoto contra cansaço, prova de que ainda sabemos acender amanhã.

O novo PDDU de Salvador e a falta de participação social

Bete Santos

Professora da Escola de Administração (UFBA)
betesantos@ufba.br

João Pereira

Confederação Nacional da Associação de Moradores (CONAM)
jpo@uol.com.br

A Prefeitura de Salvador está fazendo a revisão do Plano Municipal de Desenvolvimento Urbano de Salvador – o último é de 2016. A sua elaboração ou revisão deve ser, sempre, uma oportunidade de discussão do poder público com a sociedade sobre os problemas da cidade e de propor políticas públicas. O PDDU não pode e não deve ser uma peça retórica a ser guardada na gaveta. Ou mesmo um instrumento de operacionalização de interesses das elites. Nas úl-

timas décadas, tivemos, em algumas cidades, experiências de planejamento e de construção de planos que incorporaram o cidadão e a sociedade civil no dia a dia da sua elaboração, implementação e monitoramento.

Em tempos diferentes, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e São Paulo, por exemplo, inspiradas nos princípios democratizantes da Constituição Cidadã e do Estatuto da Cidade, experimentaram debater seus problemas e construir, de forma democrática, diretrizes e políticas voltadas à universa-

A elaboração ou revisão do PDDU deve ser, sempre, oportunidade de discussão do poder público com a sociedade

lização do acesso à infraestrutura, serviços e equipamentos, à terra urbana, à moradia, ao trabalho, a um ambiente urbano sustentável e à participação no planejamento e gestão da cidade. Esse princípio encontra-se claramente formulado na Lei Orgânica de Salvador e no PDDU de 2016.

Porém, em Salvador, apesar de muita luta, a democratização da gestão municipal, hoje, é letra morta. O secretário responsável pela revisão do PDDU vem se reunindo com construtoras, entidades patronais, com o setor imobiliário. Enquanto isso, cadê o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano de Salvador, um espaço de diálogo e de proposição de políticas para a cidade? Cadê a participação social na prefeitura bairro, nos conselhos setoriais? E a regulamentação de comissões, como a da ZEIS, peça fundamental da política de regularização fundiária em Salvador? As portas do poder público municipal continuam fechadas

para os movimentos sociais.

A prefeitura contratou uma fundação de São Paulo para revisar nosso PDDU. A proposta de trabalho apresentada não deixa claro como, de fato, a sociedade será ouvida. O que temos até então são promessas vagas de realização de algumas poucas audiências públicas – o suficiente para cumprir o que exige a lei.

Precisamos, mais uma vez, dizer Não a essa forma autoritária de planejar e administrar Salvador. Precisamos colocar para funcionar, de modo efetivo, as nossas instâncias de participação e assim enfrentar os graves problemas da cidade: a apropriação especulativa da terra; a estratificação na prestação de serviços públicos; o racismo estrutural e tantos outros. Os movimentos sociais, entidades civis e o Ministério Público têm se movimentado através do Observatório do PDDU (@obsppdu) para garantir que a sociedade seja ouvida nesta revisão. Vamos à luta, Salvador!

ESPAÇO DO LEITOR

opinioa@grupoatarde.com.br

🗨️ Todos contra a violência

O debate provocado pelo presidente Lula a respeito da responsabilidade sobre a violência contra a mulher desenvolve-se em duas vertentes. Aquela que provoca maior impacto é a da necessária punição, penas, ações policiais e jurídicas, talvez por ser de responsabilidade restrita. Mas cabe registrar que o endurecimento de penas e novas ações institucionais ainda não produziram a queda desta violência. Isso ocorre porque há uma segunda vertente a ser discutida por todos nós: a educação. Esta é de responsabilidade geral, com a atenção às pequenas atitudes, falas, piadas e letras de músicas inocentes que naturalizam no cotidiano a desqualificação da mulher, o que vai consolidando o ambiente que permite e aceita atitudes cada vez mais desrespeitosas e violentas contra as mulheres. Meninos e meninas vestem todas as cores e respeitam-se mutuamente desde o berçário. **ISADORA BROWNE RIBEIRO, ISADORA-BROWNE1@GMAIL.COM**

🗨️ Nó cego

É de causar estranheza como a grande mídia se omitiu em divulgar a histórica e estrondosa vitória do socialista Antonio José Seguro como novo presidente de Portugal. Autêntico nó cego na extrema direita, que teve

de engolir a seco o magnífico resultado. Cadê a Rede Globo, acostumada a invadir os lares brasileiros – principalmente na hora do almoço – com a costumeira violência e parcialidade nas matérias jornalísticas? Silenciou por completo com Seguro. E o que dizer da criminosa invasão do território venezuelano idealizada pelo novo Nero, que resultou no sequestro absurdo do presidente Nicolás Maduro, tendo como pano de fundo o maior lençol petrolífero do planeta? Como todo psicopata, terá em breve o que merece em razão das sementes malignas plantadas por onde passou. É uma questão de tempo. Ninguém perde por esperar. O bom exemplo de

É de causar estranheza como a grande mídia se omitiu em divulgar a histórica e estrondosa vitória do socialista Antonio José Seguro como novo presidente de Portugal

Portugal há de prosperar e impregnar as consciências dos presidentes de outras nações na luta pelo bem comum. Não há outra saída, até porque socialização e educação são interligadas e indestrutíveis, capazes de erradicar o mal maior que aflige a humanidade: a ignorância. Os irmãos portugueses estão de parabéns. **JORGE BRAGA BARRETTO, JBBARRETTO@GMAIL.COM**

🗨️ Educação

Aos sete anos, meu filho me perguntou o que seria quando crescesse. Pego de surpresa, respondi que ele poderia ser o que quisesse. Mas hoje, num mundo atravessado pela incerteza em relação à existência humana na Terra, como os adultos podem transmitir aos jovens algo além de ansiedade e desencanto? No passado, em todo filme brasileiro, o herói admirável era um operário de fábrica que frequentava um curso noturno, mas hoje a sociedade mudou; existem várias formas de cursos, inclusive on-line, as escolhas são muitas, mas o ensino não é de boa qualidade, veja o caso da formação dos médicos. **JOÃO MISAEL TAVARES LANTYER, LANTYERMISAEL@GMAIL.COM**

🗨️ Pré-Carnaval

A cidade enche no Carnaval, é verdade, enche. Mas não apenas de turistas fantasiados

de alegria e de festa, que nada veem além do abadá e, de quando em quando, até o mar. Enche-se também de isopores, de dissabores e de misérias clandestinas. Há duas semanas aquela família está acampada no meio da rua, à vista da praia, com filhos e gatos, para garantir o seu lugar... Faz um mês que os moradores da região, os funcionários e os lojistas não têm paz e convivem diariamente com os transtornos que a folia momesca patrocina todos os anos. Não bastasse, cercaram as ruas com cancelas — não cancelas de boi, cancelas eletrônicas — para não deixar o morador chegar ou sair sem pagar. Quem paga é a gente, inclusive o trator com o qual se escava a beira da praia para abrigar uma passarela de ambulantes; porque as ruas já são poucas para tanta fartura. Lá vem o trio e, com ele, toda a gente; e com ele, a cerveja quente; e com ele, a pobreza dessa turba que pula, que briga, que se joga nas cordas, que ainda espera pelos arrastões – tanto de blocos como de delinquentes, de ladrões, de brigões e de foliões extraviados. “Já é Carnaval, cidade, acorda pra ver”. A cidade que faz um ano não dorme para ver o Carnaval chegar, novamente. Que o turista nos traga sempre mais alegria e deixe de fora o diabo nos quadris, que aqui já o temos sobremaneira. **ACHEL TINOCO, ACHELTINOCO@HOTMAIL.COM**